

# O homem que viveu a Bíblia

*Com entusiasmo e erudição  
notáveis, este dominicano  
francês descobriu novos fatos  
que iluminaram  
a história da Terra Santa*

EDWARD HUGHES

**E**MPUNHANDO pá e picareta, numa montanha da Terra Santa, aquele homem barbudo e de óculos, vestido com roupa cáqui amarrotada e um capuz escuro, não parecia exatamente o tipo capaz de abalar o mundo da cultura com suas interpretações da história bíblica, e, ao agachar-se para comer, ao lado de trabalhadores árabes analfabetos, também não parecia um homem acostumado a conversar durante elegantes jantares com reitores e decanos de grandes universidades.

Apesar disso, a simplicidade e o gênio foram as marcas registradas de Frei Roland Guérin de Vaux, durante seus 40 anos como professor e pesquisador da es-



cola dominicana de estudos bíblicos em Jerusalém. A prestigiosa École Biblique et Archéologique Française conquistara, há várias gerações, um lugar especial no setor de pesquisas sobre a Terra Santa, e Frei De Vaux, seu diretor por duas décadas, se mostrou um homem à altura dela. Era não apenas um brilhante arqueólogo, como um respeitável professor de história bíblica, Antigo Testamento, língua assírio-babilônica e arqueologia.

Contudo, estava longe de ser um pedagogo empedernido. Para ressaltar determinada passagem da história, pontilhava sua dissertação com gestos exuberantes e gritos de gelar o sangue. Para descrever a cena em que Moisés fez o pacto com Deus no Monte Sinai, De Vaux subiu para a mesa, ergueu os braços para o teto e se deixou ficar de pé, com os olhos brilhando e a barba branca esvoaçante. Quando começou a acender e a apagar as luzes da sala para simular a Revelação, os estudantes, fascinados, quase puderam *ver* Moisés em pessoa na sua frente.

Enquanto se dedicava ao trabalho de escavar, pesquisar e ensinar, De Vaux também escreveu inúmeros livros e artigos. Foi co-autor da monumental Bíblia de Jerusalém, obra definitiva no gênero, e sua descrição, em dois volumes, da vida e dos costumes no Antigo Testamento ainda é o livro mais completo e autorizado sobre o assunto. O erudito frade foi colher informações em centenas de fontes sobre praticamente tudo que se conhece a respeito dos primeiros

israelitas (desde seus hábitos alimentares até o comprimento de cabelos), e o livro tanto pode ser lido por estudantes de educação elementar como tem utilidade para os especialistas. De Vaux recebeu mais de dez títulos honoríficos de universidades famosas no mundo inteiro como as de Lovaina, Viena e Yale.

Na escola de De Vaux, as descobertas concretas fazem parte do currículo normal. As raízes da instituição remontam aos fins do século XIX, quando os responsáveis pela Ordem dos Dominicanos sentiram necessidade de criar uma escola permanente de pesquisa bíblica na própria Palestina. As décadas anteriores tinham assistido a um ressurgimento do interesse pela cristandade. Milhares de peregrinos iam à Terra Santa; mercadores importavam água do Rio Jordão para batismos; a terra da Galiléia era até vendida nas ruas de Paris e Londres. Por essa época, partiram as primeiras expedições para uma pesquisa organizada nos lugares bíblicos.

Para fundar a escola, os dominicanos enviaram um dos seus monges franceses, Frei Marie-Joseph Lagrange, antigo estudante de línguas orientais. O local escolhido para o convento dominicano em Jerusalém ficava perto de uma igreja que marcava o lugar do martírio de Santo Estêvão. Nesse terreno, já existia um prédio: o antigo matadouro da cidade, inclusive com alguns ganchos de pendurar carne. Aí, em 1890, foi oficialmente inaugurada a escola de estudos bíblicos avançados.

A École Biblique continua lá até hoje, um grande edifício circundado por arvoredo, a poucas centenas de metros da Via Dolorosa, onde Cristo começou o caminho para o Calvário. Em seu interior, há longos corredores abobadados e as modestas instalações de cerca de 30 estudantes (católicos ou não católicos, idos de todas as partes do mundo) e de mais de uma dezena de professores. Foi aí que De Vaux trabalhou e viveu, num quarto cuja mobília se resumia a uma escrivaninha e um catre. O inverno em Jerusalém costuma ser extremamente rigoroso, mas De Vaux adorava trabalhar no quarto, sem aquecimento, e com as janelas completamente abertas. Mesmo quando foi diretor da escola, raramente dispôs de um secretário; toda manhã, ele próprio datilografava a correspondência escolar em sua já surrada máquina de escrever, antes de dar início à tarefa diária de lecionar e estudar, além dos deveres religiosos comuns a um dominicano.

De Vaux nasceu no lar de uma próspera família francesa, a 17 de dezembro de 1903. Seu pai, Jacques Guérin de Vaux, inspetor de finanças, não queria que o filho se tornasse padre antes de completar os estudos na Sorbonne. Roland de Vaux obedeceu, mas, poucos dias depois de sua formatura, em 1921, informou o pai de que continuava decidido a ser padre, renunciando assim a todos os interesses mundanos.

Em 1933, quatro anos depois de ter-se ordenado, De Vaux foi mandado para Jerusalém, a fim de le-

cionar e iniciar sua pesquisa na excelente biblioteca da escola, com um acervo de 50 mil volumes. De dentro dessas velhas prateleiras, ele começou a desvendar fatos e mais fatos, escondidos nas entrelinhas de empoeirados manuscritos. O silêncio é uma regra estrita em qualquer biblioteca, e muito particularmente nesta, mas nunca ninguém repreendia De Vaux quando ele exclamava, aos gritos, *Ab non! Bah! Impossible! Ab! Voilà!*, excitado pela descoberta de alguma coisa. Certa vez, num desses momentos de júbilo, deu um salto da cadeira e abraçou-se a um estudante, o qual não conseguia entender tal reação.

De Vaux era tão conhecido nas ruas de Jerusalém quanto na biblioteca. Como um dínamo humano, estava sempre correndo para algum lugar, com suas vestes brancas farfalhando ao vento, o barrete escuro empoleirado na cabeça e a fumaça penetrante de seus seguidos cigarros Gauloises. Os faiscantes olhos castanhos contrastavam com a longa barba branca, que ele não parava de mascar com excitação quando não estava fumando.

Caminhar com Frei De Vaux por uma rua de Jerusalém era encontrar casualmente conhecidos atrás de conhecidos. Numa cidade dividida, em que cristãos, judeus e muçulmanos viviam se engalfinhando, ele tinha livre trânsito entre todos os setores. Às vezes, costumava convidar alguns amigos para o acompanharem a alguma escavação fora de Jerusalém, mas os que o conheciam

bem faziam tudo para escapar de uma viagem em que ele fosse ao volante, porque De Vaux dirigia a toda a velocidade por aquelas estradas estreitas, e quase sempre tirando as mãos ou olhando para trás, a fim de enfatizar com gestos determinada passagem bíblica. Uma cicatriz no rosto era a lembrança de um acidente.

Sua primeira grande escavação arqueológica foi num enorme túmulo chamado Tell el-Farah, perto de Nablus, na margem ocidental do Rio Jordão. Alguns estudiosos haviam sugerido que ali tinha existido Tirza, uma das primeiras capitais do antigo Reino de Israel, descrito no Antigo Testamento. Segundo o Primeiro Livro dos Reis, Omri, comandante do exército israelita e mais tarde rei, capturou essa cidade e nela reinou durante seis anos. Reconstruiu vários edifícios danificados, mas, de repente, abandonou o trabalho de reconstrução e mudou a capital para Samaria, numa colina a 15 quilômetros dali.

Reunindo 60 trabalhadores da região, Frei De Vaux começou a escavação em Tell el-Farah na primavera de 1946. Após meses e meses penetrando terra à procura de fragmentos, tinham conseguido restaurar jarros, tigelas e vasos em número suficiente para provar que esses objetos eram exatamente iguais aos encontrados em Samaria numa escavação anterior. Isso significava que ambos os lugares haviam sido ocupados pelo mesmo povo.

A prova concludente, segundo De Vaux, era o resto de um edifício

que tinha sido começado mas nunca fora concluído. Numa das paredes, havia um grande buraco. Certo dia, examinando o entulho, De Vaux deu um súbito grito de alegria. A seus pés estava um bloco de pedra fendido. Usando a bainha de seu hábito como fita métrica, ele mediu o comprimento da laje; depois, aplicou essa mesma medida ao tal buraco na parede. «Serve perfeitamente!», exclamou. «Exatamente como Omri o deixou, há 28 séculos!»

Os relatórios de De Vaux sobre essas descobertas despertaram a atenção mundial para seu nome, mas o que o tornou mesmo famoso foi sua obra sobre os Pergaminhos do Mar Morto. Esses antiqüíssimos registros de velhas escrituras foram feitos pelos escribas de uma obscura seita essênica que teve início no século II a. C. Quando as hostes romanas se aproximaram, em 68 da nossa era, os essênios apressadamente esconderam os pergaminhos em cavernas perto do Mar Morto — e lá ficaram escondidos por quase dois mil anos, até que alguns beduínos, acidentalmente, encontraram parte deles, no ano de 1947.

A princípio, os nômades que venderam os pergaminhos a mercadores de antiguidades relutaram em contar onde os haviam encontrado, mas finalmente revelaram a localização da misteriosa caverna. Quando De Vaux soube onde era, ficou tremendamente excitado. Juntamente com G. Lankester Harding, diretor do Departamento de Antiguidades Jordanianas, partiu logo para essa

área nas imediações do Mar Morto, a apenas uma hora de Jerusalém. Durante aproximadamente um mês, trabalharam na gruta, recolhendo centenas de pequenos fragmentos de pergaminhos.

Pela localização da caverna, os peritos imaginaram que os pergaminhos deviam ser obra dos essênios. O historiador romano Plínio o Velho havia descrito a sede da seita e a localizara «na margem ocidental do Mar Morto» — exatamente ali. Logo, as edificações dos essênios também deviam estar por perto. Mas, onde?

De Vaux e Harding, então, concentraram a atenção em algumas ruínas próximas, conhecidas como Khirbet Qumrân, que há muito se pensava serem de um forte romano. Certo dia, às quatro da manhã, De Vaux e um ajudante se puseram a caminho, munidos de pás e picaretas. Após cinco dias desperdiçados com descobertas de pedaços de cerâmicas romanas, De Vaux desenterrou fragmentos do que parecia ser uma tigela pré-romana. «*Eh, bien, vamos escavar exatamente aqui!*»

Acertou em cheio. Em cinco temporadas, de 1951 a 1956, uma expedição dirigida por De Vaux e Harding descobriu um mosteiro completo, com uma grande edificação principal retangular, paredes de estuque e chão empedrado. Uma sala maior continha vários bancos e mesas com tinteiros e manchas de tinta. É quase certo que ali foi o gabinete onde os escribas escreveram os pergaminhos. Durante o mesmo período, em buscas sistemáticas num

raio de oito quilômetros perto do lugar da descoberta original dos pergaminhos, De Vaux e seus pesquisadores encontraram e exploraram mais 275 cavernas. Acharam milhares de pergaminhos de couro, papiro e até de metal, contendo as inscrições de praticamente todos os livros da Bíblia.

Para traduzir e estudar os volumosos manuscritos, foi nomeada uma equipe internacional de peritos, cujo presidente era Frei De Vaux, mas, antes disso, o trabalho de montar os milhares de pequenas tiras em documentos que fizessem perfeito sentido levou muitos meses e constituiu uma gigantesca charada. Cada perito tinha de ir de uma sala para outra, procurando as peças do seu quebra-cabeça particular.

Frei De Vaux recebeu aclamação mundial pelo trabalho de tradução e publicação dos Pergaminhos do Mar Morto. Logo as grandes universidades começaram a convidá-lo para visitá-las como professor. No entanto, nem todos os eclesiásticos ficaram felizes com isso. Afinal de contas, os pergaminhos tinham sido escritos pelos essênios, uma seita ainda influente no tempo dos primeiros cristãos. Poderiam esses pergaminhos ser usados para provar que Cristo era essênio, ou que o Novo Testamento teve sua origem na seita? De Vaux logo tranqüilizou os preocupados clérigos. Os pergaminhos, segundo ele, provavam que os essênios ainda estavam esperando o seu Messias numa época em que os cristãos há muito tinham fundado

sua igreja, na crença de que o Messias (Jesus) já havia chegado. «Para os crentes, as provas podem apenas reforçar sua fé, e não perturbá-la», disse ele. Ou, como afirmou certa vez: «Minha fé nada deve temer de minha cultura.» Frei Roland de Vaux foi recompensado quando o Papa Paulo VI, peregrinando pela Terra Santa em 1964, o homenageou pelo seu trabalho.

No começo de 1971, Frei De Vaux estava empenhado em escrever uma nova história do antigo Israel quando sua saúde começou a se deteriorar.

Então, em setembro, foi acometido de apendicite. Sobrevieram complicações e, dois dias depois, morria.

Seu funeral foi um dos mais concorridos da moderna história de Jerusalém. Foi gente de todos os lugares para velá-lo ou vê-lo pela última vez. Os dignitários árabes, israelenses e palestinos juntaram-se aos demais, para assistir à missa na capela do convento de Santo Estêvão. O ubíquo e insaciável pesquisador de assuntos bíblicos tinha feito, finalmente, sua grande descoberta pessoal: encontrara a paz. *Ab! Voilà!*



O COMÉRCIO é fruto da sabedoria humana. Foi no dia em que o homem percebeu que os saques feitos à força não valiam o sacrifício da conquista que nasceu a troca pacífica dos bens supérfluos. — P. M.

OUVIU-SE: «Se estou contente por minha mulher ter aderido ao movimento de libertação feminina? Agora ela reclama de *todos* os homens, não só de mim.» — K. C.

PINTOR é um homem que pinta o que vende. Artista, porém, é quem vende o que pinta. — Pablo Picasso

UM SORRISO percorreu as rugas do seu rosto. — R. W.

HAVIA uma novela inteira expressa naquele suspiro. — A. A. Milne

NOSSAS IDÉIAS sobre o casamento são totalmente irrealistas. A maioria das pessoas gasta todo o tempo preparando-se para as bodas — e nenhum para a vida de casado. — L. M.

UM TRABALHO pesado é aquele que deixa a gente tão cansada depois do fim-de-semana quanto antes dele. — H. F. H.

JUSTIÇA é como a luz. Não sabemos bem o que é, mas sentimos logo quando falta. — P. A. P.